

O presente artigo pretende discorrer sobre esta importante manifestação cultural brasileira que é o samba. Pretendo desenvolver este esboço de reflexão pensando no processo de construção da identidade brasileira. Considerando que o samba estabeleceu-se como a legítima expressão do que entendemos como brasilidade, algumas perguntas me vêm à mente: o que o samba revela a cerca da nossa alma? Que tipo de resposta criativa o samba oferece à individuação brasileira e, conseqüentemente, ao mundo?

O samba nasce, oficialmente, em 1916, quando Donga grava a música “Pelo telefone”. Reza a lenda que esta canção é, na verdade, uma criação coletiva. Assim como muitos outros sambas, teria sido composta no quintal da casa de Tia Ciata, uma mãe de santo baiana radicada no Rio de Janeiro que costumava promover encontros festivos. Conta-se que estas reuniões, que varavam a madrugada, eram freqüentadas por todo o tipo de gente: poetas, intelectuais, figuras influentes da sociedade da época, boêmios, pessoas simples, e, claro, grandes músicos. Eram encontros democráticos promovidos sob as bênçãos dos Orixás. Vianna (1995), desfaz a tese de que o samba teria nascido no morro e posteriormente descido ao asfalto, deixando claro que o advento do samba e a transformação deste em ritmo nacional é resultado de um longo processo de interação entre grupo sociais e culturais distintos.

Com essa imagem de encontro festivo e criativo, mestiço e multifacetado, vamos à diante, ou melhor, mais a fundo. Lancemos nosso olhar ao passado e às interações entre os diversos povos que formaram nossa nação. Um olhar que abranja alguns componentes arquetípicos presentes nesta expressão cultural que, de inicialmente clandestina, forjada em festinhas de fundo de quintal/quilombos, se torna um dos grandes símbolos do Brasil.

Vamos retroceder um pouco no tempo de modo a recuperar o “fio da meada” da música popular brasileira, ainda que de forma bastante resumida.

O samba é fruto de negociações transculturais, típicas de sociedades complexas. Albin (2003), nos diz que a música brasileira surge quando um índio, ao ouvir o batuque de um negro africano, começou a chacoalhar seus instrumentos. Os negros trouxeram da África o lundu, caracterizado pela dança em que alteamento dos braços, com o estalar de dedos e a umbigada – encontro dos umbigos dos homens e mulheres – são acompanhadas por palmas. A dança do lundu passou a ser cultivada

por índios, negros e brancos das zonas rurais. Mais tarde o lundu vira lundu-canção e se urbaniza, passando a ser apreciado desde os salões do império às casas de chope (Diniz) Outro ritmo a ser destacado é o maxixe, uma dança oriunda da Cidade Nova (Rio de Janeiro), um bairro predominantemente habitado por afrodescendentes. Foi considerado uma dança indecente por parte da sociedade, pelo seu caráter lúdico e sensual, mas logo ganhou fama através dos clubes carnavalescos, sendo divulgada por grupos de choro e bandas de música. Percebe-se que a miscigenação está nas raízes da música brasileira.

“O samba brasileiro é a prova evidente de que as duas civilizações, a católica européia e a xamânica africana, que parecem tão afastadas uma da outra, não precisam se chocar como forças antagônicas, mas podem compor uma única música a duas vozes: o órgão barroco e o tambor febril; os santos óleos do batismo e dos moribundos, e o azeite de dendê que escorre das pedras sagradas da África; a mística dos santos e a mística dos orixás”.

(Pelegri, 2012)

É importante salientar que toda a expressão musical brasileira, durante o período colonial, esteve ligada às celebrações ritualísticas. O batuque, o canto e as danças são expressões de resistência tanto de índios e negros como de toda a população marginalizada, uma forma de manter viva sua memória coletiva ancestral. O povo negro, desterrado e escravizado, precisou desenvolver formas de preservar sua cultura. A preservação, no entanto, não se deu através do isolamento, pelo contrário. Africanos de diversos povos, muitas vezes inimigos, vieram para cá, aprendendo a conciliar diferenças. A miscigenação, a fusão, a transformação, garantiram que tanto as religiões de matriz africana quanto seus ritmos chegassem até nós.

Um complexo intercâmbio de signos se estabeleceu em nosso país, dando origem ao samba e a muitas outras manifestações culturais. Ao abordar a questão da miscigenação, ressaltamos os diferentes elementos que se misturam. Esta mistura, por sua vez, também proporcionou o encontro a partir dos pontos em comum a todos estes povos. Na tentativa de lançar um olhar simbólico sobre estas questões, recorro a um famoso samba de Caetano Veloso. Nesta canção, a meu ver, ele consegue sintetizar de forma clara e precisa a essência do samba:

“A tristeza é senhora/Desde que o samba é samba é assim”

O dicionário Aurélio define a tristeza assim: *Qualidade ou estado do que é triste; mágoa; aflição; pena; angústia; inquietação; melancolia*. Que tristeza é essa a que Caetano se refere? A mais evidente e terrível, por certo, é a tristeza do povo negro um povo escravizado, apartado para sempre de sua mãe África. Um povo que perdeu quase tudo e que suportou todo o tipo de atrocidades. Outra tristeza, não menos importante, é a do povo indígena, que viu suas terras serem invadidas e sua cultura violentada. E quanto aos brancos, que compunham a elite exploradora? Pois em sua maioria eram portugueses. Se estes não tinham, talvez, motivos aparentes para sofrer, trouxeram para cá seu pendor pelo cultivo de estados de alma melancólicos. Não é a toa que a palavra “saudade” só existe na língua portuguesa. Um exemplo deste jeito de ser e sentir luso-brasileiro encontramos nos versos de Tom e Vinícius:

*“não, não pode mais meu coração,
viver assim dilacerado,
escravizado a uma ilusão,
que é só desilusão.
Não, não seja a vida sempre assim,
como um luar desesperado,
a derramar melancolia em mim, poesia em mim.
Vai triste canção, sai do meu peito
e semeia emoção,
que chora dentro do meu coração”.*

O nome desta canção, Modinha, evoca um estilo luso-brasileiro muito em voga nos séculos XVIII e XIX. A tristeza é, portanto, um sentimento que permeia sua vida, seus hábitos, e sua música.

“A lágrima clara sobre a pele escura/ a noite, a chuva que cai lá fora.”

O cenário que deu origem ao samba nos remete aos estados de alma de melancólicos, à escuridão da noite, a lágrima, à chuva e ao isolamento. A tristeza é azul, o *blues* eternizado também como o canto de lamento dos descendentes de

escravos afro-americanos. Hillmann (2011) comenta que “os primeiros termos para o azul para o grego e o latim foram “tomados da poesia pela prosa”, da recitação oral, do canto da garganta, como o blues hoje em dia carrega a tradição poética e expressa a imaginação do pensamento do coração”. O samba se insere nesta tradição ancestral de transformar o lamento em versos e ritmos. O choro, outro ritmo precursor do samba, foi assim batizado pois seus criadores se reuniam para “chorar” através de seus instrumentos e de seu canto. (Albin)

Ainda segundo Hillmann, o azul lembra, e o preto nele não deixa as coisas irem embora. Mas o sentimento azul não é mais a mortificação da nigredo, e sim um pesaroso lamento. (2011)

O que o azul contido no samba pretende conservar? Creio que seja justamente a lembrança da desgraça, do infortúnio. A diáspora negra, a violência, o desterro, que marcaram a condição daqueles que cruzaram o Atlântico e que aqui se estabeleceram. O trágico de acordo com Nietzsche é uma potência avassaladora, incontrolável que perpassa a existência, é caracterizada por uma exaltação nervosa, que personifica-se na embriaguez, o fluxo dionisíaco expressa a explosão violentada vida que jorra e aguça a criatividade religiosa no caso dos povos da diáspora africana. (Borges, 2014)

Conservar esta lembrança, neste sentido, é manter viva possibilidade de encontrar novos sentidos existenciais e construir o novo a partir da experiência trágica. Segundo Borges (2014), a tragédia é a multiplicidade, a resistência que germina no porão e transfigura o sujeito em obra de arte. A dor é a *prima matéria*, necessária à criação do novo.

“Mas alguma coisa acontece no quando agora em mim”

O lamento ritmado, expresso no batuque, traz a libido e puxa a alma para baixo, para o nível corporal. Recordo aqui o relato de Jung a cerca de uma experiência transcendente vivida por ele no Sudão. Quando convidado a dançar numa cerimônia tribal, o ritmo e a temperatura o dominaram a tal ponto que este não conseguia parar de dançar, fazendo-o sentir medo. Diz Jung que “vendo como minha vontade não conseguia controlar as forças do ritmo, dança, terra, loucura...”. Estamos falando aqui de uma experiência de profunda conexão com as potências geradoras de vida. A alma

anseia por este aprofundamento, que aparece simbolizado na alquimia e nas celebrações dionisíacas pelo delírio orgiástico. Sobre este movimento de descida, Hillman diz que

“(…)há uma libido secreta nas sombras. As imagens no Hades também são dionisíacas – não férteis no sentido natural, mas no sentido psíquico, imaginativamente férteis. Há uma imaginação abaixo da terra abundante em formas animais, que se diverte e faz música. (...)Hades e Dioniso são o mesmo. À medida em que Hades escurece Dioniso rumo a sua própria tragédia, Dioniso suaviza e arredonda Hades rumo a sua própria riqueza. Farnell descreve sua fusão como uma “suavidade unida a uma melancolia”

O samba apresenta em sua raiz e essência a busca da experiência dionisíaca que nos faz reconhecer o *zoe*, a fonte de vida eterna que penetra o mundo físico. Sobre a potência dionisíaca, Nietzsche (in Borges) a entende como

“um fluxo exuberante que não se detém respeitoso diante das limitações, transpondo as barreiras da moral, submerge as leis veneráveis do establishment; é uma espécie de bestialidade mais selvagem da natureza humana que se desenfria até chegar aquele misto de prazer e crueldade que parece ter o sabor de uma bebida cozinhada por feiticeiras. Nos porões dos navios negreiros o que restava era incorporar os aspectos catastróficos e fazer da bestialização um elemento criativo.”

“O samba é pai do prazer/ o samba é filho da dor/ o grande poder transformador!”

O samba é o resultado e o abrigo das polaridades. Traz em si um refinamento, uma capacidade engendrada aqui de agregar aos sentimentos mais densos o *gingado*, que faz do samba essa “tristeza que equilibra”, trazendo na sua levada a *esperança de não ser mais triste não*. Portanto, o samba indica um caminho a um outro nível existencial, em contato com o poder da imaginação criadora. Jung (1990) se refere à *imaginatio* como a capacidade de estabelecer um diálogo interno criativo capaz de

conduzir as coisas de um estado potencial inconsciente para um estado manifesto.

Dona Ivone Lara nos diz algo parecido:

*“força da imaginação, vai lá
além dos pés e do chão, chega lá
o que a mão ainda não toca
coração um dia alcança
força da imaginação, vai lá.
Quando um poeta compõe mais um samba
ele funda outra cidade
lamentando a sua dor, ele traz felicidade
força da imaginação, na forma da melodia
Não escurece a razão, ilumina o dia-a-dia”*

Finalizando, o samba revela aspectos muito profundos da alma brasileira. Ele traz em si o jeito brasileiro marcado pela sabedoria que vêm de baixo, da vivência que passa pelos sentidos, pelo prazer, pela intensidade e, essencialmente, pela força criativa da imaginação. Sambando o Brasil oferece ao mundo uma imagem de aprofundamento, onde os opostos dançam juntos gerando novas possibilidades de integração. Eis aí nosso grande poder transformador.

Bibliografia

- Albin, Ricardo Cravo. *O Livro de Ouro da MPB*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003
- Barcellos, Gustavo. *Vôos e raízes. Ensaios sobre psicologia arquetípica, imaginação e arte*. São Paulo: Ágora, 2006
- Borges, Maurício Ferreira Júnior. *Da diáspora ao terreiro: Os processos rituais do Do candomblé no EgbéOnígbadamu, estética e performance*. Goiânia, 2014
- Diniz, André. *Almanaque do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006
- Jung, C.G. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1990
- Pellegrini, Luis. *Samba, espelho da alma brasileira*. 2012 in: www.brasil247.com
- Hillmann, James, *Psicologia Alquímic*. Petrópolis: Vozes, 2012
- Hillmann, James. *O sonho e o mundo das trevas*. Petrópolis: Vozes.2011
- Vianna, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004